

Um ano de vida na incerteza da invasão

CORREIO BRAZILIENSE

Marlene Gomes

Da equipe do Correio

Mariana completa hoje um ano de vida. Festa, não vai ter. Mas, pelo menos pode ser que as coisas estejam mais calmas na invasão da Estrutural, onde mora. Se fosse há uma semana, seria um dia de muito barulho e nenhuma comemoração. Afinal, as vozes familiares de carinho teriam o eco do ruído do helicóptero policial, latidos de cães ferozes, bombas de efeito moral e da própria pancadaria que tomou conta do local.

Se não consegue diferenciar o impacto de uma ação policial do barulho de uma festinha familiar, pode ser que Mariana já perceba a angústia nos olhos da mãe Shirlene Cássia de Jesus, atordoada com a incerteza das mudanças na área. É esse sentimento que fica em evidência em cada palavra e gesto dessa moradora da invasão, que para fugir do pagamento de aluguel trocou, há dois anos e meio, o barraco regular de Samambaia pelo barraco ilegal da Estrutural.

"Eu queria desejar para minha filha que ela algum dia pudesse ficar em paz aqui, porque é muito triste a gente não ter onde morar e ter que viver 24 horas por dia sendo atormentada por este governo", tropeça no português e capricha no sentimento a dona de casa.

Shirlene não quer sair da invasão. E já contabiliza o prejuízo com a mudança. "Para ser sincera não quero sair daqui. Foi com muita dificuldade que a gente fez um barraco muito bom". Para a irmã, Shirlei Aparecida, "tendo água, luz e urbanização a gente se acostuma em qualquer lugar". Ela cobra do governo os lotes prometidos para viabilizar a remoção da Estrutural.

CAMINHÃO-PIPA

Indiferente ao olhar angustiado da mãe e da exaltação da tia, Mariana se divertia-se observando o

burburinho quase de frente de sua casa, no conjunto C, da quadra seis. Era lá que um dos sete caminhões da Rodoviária União, que presta serviço para a Caesb, fazia a distribuição da água para os residentes na área.

"O abastecimento está bom, mas tenho só dois tambores para encher e por isso tenho que economizar água", disse Raimunda Ferreira Lima.

Indiferente à ilegalidade da invasão e à própria notícia de que vai ter mesmo que sair do local, a dona de casa pedia providências para outro problema: o da energia elétrica.

"A gente tá precisando da luz. Tá ficando muito caro pagar para quem tem esses geradores", explicou. "E depois a gente nunca vai poder ter nada, porque não dá para ligar", acrescentou.

Maria Madalena de Amorim, grávida de oito meses do sexto filho, era a imagem do desalento. Com tanta gente no barraco e pouca água, já que só tinha dois tambores para encher, recorria diariamente à ajuda dos vizinhos para solucionar o problema de abastecimento. "É difícil. Todos os dias tenho que pegar emprestado com os vizinhos algumas latas de água. Sorte que todo mundo ajuda", disse.

O motorista de um dos caminhões da Rodoviária União, a empresa que presta serviço para a Caesb, comove-se com o drama dos moradores. "Fico até constrangido porque já passei por tudo isso. Sei como é difícil não ter água em casa".

Segundo ele, a Rodoviária União tem sete caminhões para abastecer regularmente a invasão. Cada caminhão tem capacidade para 10 mil litros, mas a tarefa diária só está concluída quando cada um deles faz oito viagens. Ou seja, das 8h da manhã até por volta das 15h, quando termina o serviço, são quase 600 mil litros de água distribuídos diariamente no local.